

A DIVERSIDADE SEXUAL E A SALA DE AULA

Ana Paula Santos Pinto¹

Rosângela Valachinski Gandin²

Resumo

A diversidade na sala de aula atualmente é incrível. Origem, cor, religião, opção sexual, grupo familiar, posição social, tendência política e outros aspectos convivem na sala de aula, proporcionando a todos uma experiência de convívio muito rica e fascinante. Felizmente, a convivência é pacífica e cabe a nós professores tentar manter esse equilíbrio, ficamos em evidência na frente da turma por aulas e mais aulas seguidas, e nosso comportamento e falas durante as ações didáticas o aluno absorve de acordo com o seu *filtro semântico*, cada um entende o que falamos de acordo com seus próprios credos, tendências e valores.

A formação das identidades depende dos processos de socialização e de ensino e aprendizagem que ocorrem de acordo com as características físicas, cognitivas, afetivas, sexuais, culturais e étnicas dos envolvidos nos processos educativos.

O desenvolvimento da identidade do ser humano, como nos ensina Habermas (1983), pode ser analisado como um processo de aprendizagem:

- a) Lingüística: para a comunicação;
- b) Cognitiva: para a busca dos conhecimentos necessários para a vida em sociedade;
- c) Interativa: para a ação e a interação com o outro.

De uma perspectiva geral, todos os processos educativos devem levar ao desenvolvimento desses três conjuntos de competências.

A educação é o resultado de relações sociais que podem capacitar àqueles que participam do processo educativo

A escola é um espaço público para a convivência fora da vida privada, íntima, familiar.

Nós professores ao nos capacitarmos para a convivência participativa na escola, participamos de um processo de aprendizagem que também nos ensina como participar do restante da vida social.

A escola como esfera pública democrática pode possibilitar a capacitação de pais, alunos e educadores para a participação na busca de soluções para os problemas da escola, do bairro, da cidade, do Estado, do País e da vida da espécie humana no Planeta.

Palavra chave: aprendizagem, convivência, educação e escola

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo Paranaguá 1, e-mail: paulinha_santus@hotmail.com

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

1. Contexto

Os profissionais da área educacional envolvidos no processo de ensino-aprendizagem vêm constantemente se deparando com uma gama de desafios em sala de aula e dentre os desafios está um dos mais complexos: a adequada gestão da diversidade de conhecimentos.

Desde a constituição da República ao texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, afirma-se a importância de garantir aos cidadãos uma igualdade de oportunidades em educação. Porém, essa igualdade de acesso que a escola tenta oferecer, ainda hoje, não é acompanhado de igualdade de sucesso dos alunos que a freqüentam. O que se verifica, através de diferentes medidas tomadas pelo Sistema Educativo, é que o sucesso acontece de modo desigual, nos diferentes grupos sócio-culturais que constituem a população escolar (não somente no Ensino Básico, mas também nos outros graus de ensino).

Inicialmente, o fracasso escolar foi atribuído às baixas condições sociais em que viviam os alunos e por decorrência ao contexto social: família, bairros, pares com quem mantinham contato diariamente. Mais recentemente, essas questões passaram a ser vistas de maneira diferenciada – ao invés de se pensar que a causa dos problemas residia, sobretudo, no fato de os alunos com insucesso serem os que tinham nascido e se desenvolvido em meios sócio-culturais desfavorecidos, começou-se a considerar que, talvez a própria escola pudesse ter alguma responsabilidade nesse processo, por isso (Delors, 2003, p.122) afirma que “O respeito com a diversidade e com a especificidade dos indivíduos constitui o princípio fundamental que deve levar à extinção de qualquer forma de ensino estandardizado que contribua com a exclusão social”.

Na perspectiva de reconstrução das práticas e resultados escolares como parte de um processo mais amplo de recriação social, não pode esquecer que somos importantes atores/as e autores/as, pois nós professores/as somos sujeitos

autônomos, ativo-atuantes na sala de aula e nas possibilidades concretas de elaboração de práticas pedagógicas cotidianas capazes de contribuir com a construção do sucesso escolar de todos/as que chegam à escola.

Face ao exposto é que o presente tem como objetivo identificar quais são as atitudes dos estudantes em relação à homossexualidade de seus colegas

2. Descrição da Experiência

O objetivo é focalizar a gestão da diversidade sexual enquanto variável relevante da qualidade do processo ensino/aprendizagem. Efetivamente nas salas de aulas atuais cruzam-se estudantes de meios familiares diversificados, de diferentes realidades socioeconômicas, culturais, lingüísticas; de diferentes raças, cor da pele, gênero, convicções religiosas, ritmos e estilos de aprendizagens entre outras. Perante isso, os educadores não podem continuar a direcionar as suas práticas para um padrão único de aluno, de currículo e de estratégias pedagógicas. É necessário que eles apostem em teorias e práticas pedagógicas inclusivas, capazes de oferecer oportunidades de aprendizagem para todos, concebendo, igualmente, as diferenças como um trunfo para aperfeiçoar o processo educativo e não como um empecilho a própria aprendizagem.

A diversidade é uma das características do Brasil que surgiu da combinação de mais de uma composição étnica, os dados de acordo com o IBGE confirmam que a população brasileira é formada por 48,4% de brancos, 6,8% de pretos, 43,8% de pardos, 0,6% de pardos e 0,4% não declarados, no entanto, falar em diversidade é considerar que pessoas diferentes sejam consideradas como iguais, sem distinção de gênero, crença, cor, opção sexual, raça e padrão social, dentre deste aspecto entra em cena a discriminação que é o tratamento desigual de indivíduos com iguais características baseado no grupo, classe ou categoria social a que eles pertencem e constitui-se num evidente desvio do ideal de igualdade e de oportunidade.

Conseqüentemente a discriminação será sempre uma fonte de preocupação social, com efeitos prejudiciais sobre o nível de bem-estar da sociedade.

Vale ressaltar que, cada indivíduo possui uma identidade fruto do acúmulo de experiências pelas quais passou durante sua vida e dos valores que são repassados pela família, pela sociedade e, por fim, pela escola. No entanto, a escola é um espaço onde há quebra de algumas barreiras que se perduram durante séculos, através de uma relação de amizade entre aluno e professor como é o caso da questão dos povos indígenas e negros se refazerem. Afinal, não é possível esquecer que estes povos brasileiros foram excluídos desde a colonização do Brasil pelos portugueses, com seu estabelecimento nestas terras, reconhecendo-as como colônia, onde estes povos sofreram com a domestificação e escravidão.

Outro ponto importante de se mencionar é a questão da mulher, dos homossexuais e outros grupos que sofrem com o preconceito que se perdura em uma sociedade que vive em alguns aspectos amarradas por costumes tradicionais, afinal, o importante é trabalhar de maneira imparcial e também trabalhar em grupo proporcionando uma proximidade entre eles, todos são seres semelhantes, mas nem por isso tem os mesmos acessos à educação de qualidade e emprego, por exemplo, muitas vezes, chegam até a ter uma situação de remuneração inferior a outros grupos da população.

Desenvolve - se prática docente que seja voltada para a diversidade étnica e cultural da nossa população, tratando – os de forma que não haja desigualdade analisando o comportamento dos envolvidos, sobretudo dessa população que, ao longo da história do Brasil, vem sendo alijada dos direitos civis, sociais e humanos.

Uma prática docente política, ideológica e humanamente comprometida como nosso povo mestiço, belo, forte, que luta que surpreende que ri, que chora, que cria cotidianamente saberes, estratégias, práticas que possibilitem viver/sobreviver, num tempo em quem a exclusão social é vista como um valor positivo e como inevitável (TRINDADE, 2000, p.203).

Na perspectiva de reconstrução das práticas e resultados escolares como parte de um processo mais amplo de recriação social, não pode esquecer que somos importantes atores/as e autores/as, pois nós professores/as somos sujeitos autônomos, ativo-atuantes na sala de aula e nas possibilidades concretas de elaboração de práticas pedagógicas cotidianas capazes de contribuir com a construção do sucesso escolar de todos/as que chegam à escola.

O projeto foi desenvolvido em escola de ensino público da rede estadual, no município de Paranaguá, com aproximadamente 200 alunos matriculados no ensino médio no turno matutino. A observação foi realizada no período de Fevereiro de 2010 até Julho de 2010, no horário 07h30min às 11h45min e contou com o seguinte roteiro de observação:

- Comportamento individual e em equipe dos alunos homossexuais e heterossexuais;
- Modo como os alunos tratam os colegas com orientação sexual diferente,
- Como é a discriminação dos homossexuais com os colegas heterossexuais,
- Reação dos homossexuais com a discriminação sofrida

Os resultados encontrados na observação foram que 20% de 150 alunos heterossexuais, isto é, 30 estudantes maltratavam os homossexuais com palavras de baixo calão, expressões faciais que demonstravam aversão e agressões físicas que tornaram claro o preconceito existente. Dos 50 alunos homossexuais alguns fazem questão em declarar a orientação sexual outros ainda são envergonhados, mas o modo de andar, gesticular e falar não omite a situação.

Observou que os alunos homossexuais por medo de mais repressão, nada faziam para se defender e nem reclamar com os professores.

3. Considerações

O professor e o aluno precisam aprender a conviver com a diferença, com a imprevisibilidade, adotando atitudes de confrontação coletiva, em constante intercomunicação. Trata-se de uma socialização orgânica, necessária à educação dos novos tempos, porque permite enfrentar o aprofundamento da dissolução do sujeito e a fixação da subjetividade das escolhas.

Nesse sentido, é importante destacar que o conceito tradicional de tempo de aula precisa ser revisto, o que, evidentemente, passa por mudanças apoiadas no Projeto Pedagógico da Escola. Se, longe da homogeneidade, o que prevalece é a heterogeneidade, não significa uma anomia, ou seja, uma falta de objetivo, um espaço onde cada um faz o que quer, na hora que quer. Dar espaço à diversidade vai muito mais além: é reconhecer as diferentes habilidades e conhecimentos existentes em cada sujeito que uma vez se juntando, podem permitir que cada um colabore, a seu modo, com o outro, podendo existir crescimento para todos os envolvidos no processo.

Por isso, a escola é conclamada, hoje, a pensar em termos de conexão, de relações, de interações, de rede, de comunidades de aprendizagem. Assim, o tempo de aula não é o tempo do relógio, mas o das interações. A diversidade não significa, necessariamente, trabalho diversificado, mas pode significar também trabalho em comum, momento em que os diferentes sujeitos contribuem como podem para alcançar um objetivo determinado. Qual a contribuição de cada um no momento? Em que cada um pode ajudar? Todos, indistintamente, têm algo a oferecer. A escola precisa saber aproveitar melhor essa máxima. Pode significar, também, um trabalho comum, com atividades diversificadas, de acordo com as necessidades, os interesses e os contratos feitos entre os alunos e o professor. A sala de aula pode ser esse espaço comunitário, interativo, experimental, desde que atenda aos objetivos a serem alcançados e desde que exista um profissional que, buscando dar

voz e vez aos alunos, aceite sair da cena principal e assumir o lugar de quem organiza as aprendizagens.

A diversidade tem como conceito básico a pluralidade de diferentes fatores que caracterizam a sociedade. Sociedade esta que tem adotado para si conceitos que passam de geração para geração, perpetuando com isso atitudes que refletem diretamente na sua organização social. Isto nos remete à reflexão de que são inúmeros os ambientes onde se percebe a presença marcante da diversidade. Porém, o ambiente no qual nos deteremos é o escolar, por entendermos que nesta instituição há espaço para o desenvolvimento da postura do indivíduo em relação à diversidade. Numa visão macro, a escola tem dentro de sua estruturação o modelo organizacional da sociedade. Onde nitidamente, aparecem as relações hierárquicas que se movimentam através das relações de poder. Um exemplo disto é a forma como os agentes educacionais estão ali divididos e subdivididos – gestor, vice-gestor, coordenador/orientador, professores, inspetores, etc. Mas, vamos para uma visão ainda mais específica: a sala de aula. A sala de aula é o espaço micro onde as “coisas” acontecem. É ali que se processam a utilização de metodologias, paradigmas e modelos educacionais. É através dela que se mede o grau de sucesso ou de fracasso deste ou daquele modelo/tendência/teoria pedagógica. Enfim, a sala de aula é o espaço onde acontece a ação pedagógica.

Como conciliar a diversidade sexual? Uma das respostas reside no caráter dialógico do espaço de sala de aula. Diálogo não significa, simplesmente, aquele que fala, mas uma atitude franca de troca, de escuta. O professor pode viver desse modo, uma relação fundamentada pela atividade onde o “outro” é a sua medida e isto também coloca uma verdade: ser professor exige, de algum modo, incorporar a categoria do “outro” para alcançar a plenitude do que se propõe viver. É uma atitude consciente, aliada a uma sensibilidade para poder captar e viver sentimentos humanos.

Nessa relação é que compartilham valores, sentimentos, solidariedade, pensa em si mesmo e pode perceber-se como um ser no mundo. Narra e ouve narrativa e, desse modo, articula experiências que podem ampliar e repensar suas visões de mundo. É quando os processos de ensino e de vida se cruzam com os momentos de aprendizagens.

Diálogo autêntico pressupõe escuta, aqui entendida como uma competência comunicativa, porque escutar é mais que ouvir. Os interlocutores em sala de aula vivem, no espaço e no tempo, experiência de uma relação nunca acabada, um acontecimento aberto e tudo que nesse espaço acontece pode colaborar para desenvolver novas lições, pois são acontecimentos que, de um modo ou de outro, integram-se à ética da vida, cujos princípios se consolidam nessas relações.

A complexa relação com a palavra do outro, em todas as esferas da cultura e da atividade, impregna a vida do homem. Nesse sentido, cada aula é um encontro, é um acontecimento sempre renovado, nunca repetido, nunca previsto, nunca ensaiado.

Evidência-se a necessidade de que o aluno esteja disposto a desempenhar o seu papel de colega e a revelar o que sabe o que pensa e o que imagina saber (conhecimentos prévios), nas palavras que conhece, com a linguagem que utiliza, na verdade o ser humano merece ser respeitado. E isto na realidade não acontece, fica claro a falta de respeito e o preconceito existente entre eles.

Referência:

Diversidade disponível em: <<http://www.crv.educacao.mg.gov.br>>. Acesso em 12/02/2011

Diversidade na sala de aula disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em 12./02/2011

Diversidade na escola disponível em: <<http://zeluisbraga.wordpress.com/category/educacao>> Acesso em 12./02/2011

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases 9394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília DF 02 de Janeiro de 2001

DELORS, J. Educação um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

NAIDITCHI, Fernando. Educação. Porto Alegre, 2009

SCHNEIDER, Marcia Sueli. Monitoria: Instrumento para trabalhar com a diversidade do conhecimento em sala de aula. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, v. 2, Mensal. 2006

SCHWART, Bertrand. Uma escola diferente. Lisboa, Rua das Chagas, 1984